

MEDIAÇÃO PARA A AUTONOMIA EM MUSEUS DE CIÊNCIAS

O Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT) e a Musa Iberoamericana: Red de Museos y Centros de Ciencia-Cyted têm realizado pesquisas para compreender como a sociedade interage com a ciência. Um de nossos objetivos com essas pesquisas é gerar subsídios para o aperfeiçoamento de práticas de divulgação científica em diferentes meios, como os centros e museus de ciência e os veículos de comunicação de massa. Por isso, o que você lerá a seguir são *insights* que nossos pesquisadores tiveram ao longo de sua pesquisa, seja revisando a literatura especializada, seja no campo, acompanhando de perto atividades de divulgação científica e seus participantes. Esperamos, assim, contribuir para que você reflita e avalie suas próprias atividades de divulgação científica.

Facilitadores, monitores, educadores, explicadores, mediadores, guias... Na literatura internacional sobre museus de ciência, os profissionais que atuam junto ao público têm sido nomeados de várias maneiras – um indício da multiplicidade de papéis que eles assumem. Qualquer que seja o termo escolhido, parece ser consenso que a sua atuação tem enorme influência sobre a experiência dos visitantes. Por isso, é fundamental que sejam bem preparados, por exemplo, em relação ao tema e ao funcionamento da exposição e em estratégias de como lidar com diferentes públicos. Neste guia, porém, escolhemos trabalhar com detalhe bem específico da atuação dos mediadores: seu potencial de promover a autonomia dos visitantes.

Em um museu de ciências, seja ele interativo ou não, o mediador ou mediadora pode assumir diferentes funções, como orientar os visitantes sobre o funcionamento dos módulos, responder perguntas, informar sobre atividades que estão acontecendo e muitas outras. Em algumas instituições, a visita deve ser, obrigatoriamente, guiada por um(a) mediador(a) ao longo de todo o percurso; em outras, há mediadores específicos para cada atividade; e ainda há

aquelas em que os visitantes ficam livres para interagir com os mediadores apenas se sentirem necessidade.

EM TODO CASO, ACREDITAMOS (E VEMOS NA PRÁTICA!) QUE A PARTICIPAÇÃO DOS MEDIADORES PODE INCENTIVAR OS VISITANTES A EXPLORAR O MUSEU E SUAS ATIVIDADES, A QUESTIONAR, A EXPERIMENTAR, ENFIM, A TORNAR-SE PROTAGONISTAS DA VISITA.

Por outro lado, alguns resultados de nossas pesquisas indicam que, dependendo da maneira como a visita for orientada pelos mediadores, os visitantes podem assumir uma postura passiva e pouco autônoma diante dessa oportunidade de aprendizado.

MUSEU NÃO É ESCOLA

No Brasil, grande parte das visitas a museus é feita por grupos escolares ou, ainda, por crianças e adolescentes em idade escolar, acompanhados de suas famílias. Paralelamente, uma parte importante das equipes de mediadores dos museus é formada por estudantes universitários que estão se preparando para ser professores.

Um efeito disso é que, em sua atuação com os grupos visitantes, muitos mediadores

tendem a colocar em prática estratégias que aprenderam para liderar uma sala de aula. Embora haja algumas interseções possíveis entre as duas situações – afinal, em ambas acontecem processos educativos –, museus não possuem a infraestrutura e outras características próprias das escolas. Assim, podem não ser o espaço adequado para uma aula expositiva.

POR OUTRO LADO, O ESPAÇO DOS MUSEUS APRESENTA MUITAS OUTRAS POSSIBILIDADES QUE NÃO ESTÃO DISPONÍVEIS NA SALA DE AULA. É PRECISO APROVEITÁ-LAS!

De uma forma geral, as exposições e outras iniciativas desenvolvidas pelos museus de ciência – em especial, os interativos – são desenhadas para permitir uma interação leve, solta, divertida, multissensorial e memorável. Se, por um lado, o museu é lugar de aprendizado, por outro, também é lugar de diversão e brincadeira. Uma coisa não exclui a outra!

VALORIZAR A CRIATIVIDADE E A INTELIGÊNCIA DOS VISITANTES

“Modelo de déficit” é o termo usado, em divulgação científica, para classificar atividades em que se considera o público como pessoas que não têm conhecimento e os especialistas (neste caso, as equipes de mediadores dos museus) como fontes de conhecimentos e saberes que podem preencher essas lacunas. Embora já tenha sido extensamente criticada, esta forma de fazer divulgação científica ainda é comum.

Uma forma de fugir desse modelo é priorizar o diálogo, as trocas e o compartilhamento de experiências e conhecimentos, tanto entre visitantes e mediadores quanto dos visitantes entre si.

PARA ISSO, É IMPORTANTE COLOCAR OS VISITANTES NO CENTRO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM, PROMOVENDO OPORTUNIDADES PARA QUE ASSUMAM PAPEL DE PROTAGONISTAS, EXPLORANDO O AMBIENTE DE FORMA AUTÔNOMA E CRÍTICA, FORMULANDO PERGUNTAS E PROCURANDO FORMAS DE RESPONDÊ-LAS.

Isso inclui, é claro, deixar que os visitantes conversem e se movimentem da forma mais livre possível. Além das experiências de manipulação física, é importante explorar a interação estética, emocional e cognitiva dos visitantes, valorizando sua criatividade, imaginação e inteligência.

A motivação fundamental para fazer divulgação científica nesses moldes é a certeza de que vivemos numa sociedade diversa, na qual há uma variedade de modos de pensar e descobrir o mundo. A ciência é um deles, mas não o único. Mais do que isso, o próprio fazer científico, como produção humana, não é neutro, mas influenciado por ideologias, filosofias, história, política – e essa é uma reflexão que vale a pena instigar entre os visitantes. Engajar crianças, adolescentes e outros públicos em ambientes de aprendizagem não formal e participativa é um grande passo em sua formação cidadã.

FACILITAR, SEM TIRAR A AUTONOMIA

No caso de crianças muito pequenas, que ainda não sabem ler, a presença de textos impressos ou em telas que expliquem o funcionamento de cada módulo pode ser um impeditivo para que realizem a visita de forma autônoma. Uma solução, claro, é procurar outras formas de orientar o uso do espaço: desenhos, áudios e vídeos são boas opções. Mas outra alternativa pode ser auxiliar as crianças na medida em que

elas solicitam, sem pressa de oferecer soluções antes que elas possam encontrá-las de forma independente.

MUITAS VEZES, EM ESPECIAL COM VISITANTES MAIS TÍMIDOS, O(A) MEDIADOR(A) PODE SE SENTIR TENTADO(A) A OFERECER LOGO TODAS AS RESPOSTAS, OU EXPLICAR EXATAMENTE COMO INTERAGIR COM CADA MÓDULO, TIRANDO DO(A) VISITANTE A OPORTUNIDADE DE FAZER AS COISAS NO SEU PRÓPRIO TEMPO.

Por isso, é sempre importante ter em mente que as pessoas têm ritmos e formas diferentes de explorar o espaço do museu.

MEDIADORES COMO PROVOCADORES

Por outro lado, quando os visitantes não parecem estar interagindo muito com os módulos expositivos ou com a experiência da visita de uma maneira geral, o(a) mediador(a) pode provocar essa interação, sugerindo certas atividades ou destacando a relação do tema da exposição com elementos do dia a dia dos visitantes, como filmes, séries e matérias jornalísticas, entre outros.

COMO BONS CONHECEDORES DO MUSEU ONDE TRABALHAM, OS MEDIADORES PODE TAMBÉM GUIAR OS VISITANTES POR DETALHES QUE PODERIAM PASSAR DESPERCEBIDOS, E DESPERTAR SUA CURIOSIDADE.

Pelo mesmo motivo, podem ajudar a tornar a experiência da visita mais profunda, informativa e significativa – por exemplo, fazendo as perguntas certas para instigar os visitantes, ou propondo desafios que os motivem a explorar certa área da exposição.

Em qualquer situação, é importante que o(a) mediador(a) tenha sempre em mente que as pessoas podem se interessar por

aspectos diferentes da exposição e/ou atividade. Por isso, é fundamental observar se os visitantes de fato estão interessados no que o(a) mediador(a) mostra e/ou comenta, e fazer ajustes se necessário.

PREPARAR PARA O IMPREVISÍVEL

Uma mesma exposição pode conter módulos que proporcionem diferentes níveis de engajamento, desde um simples apertar de botão até a realização de desafios e tarefas complexas cuja execução requer mais de uma pessoa e/ou cujo desfecho vai depender inteiramente de uma ação do(a) visitante.

NEM SEMPRE, QUANDO PLANEJAMOS UMA ATIVIDADE, CONSEGUIMOS PREVER TODAS AS SUAS POSSIBILIDADES DE USO.

Os públicos quase sempre surpreendem! Por isso, é fundamental pensar em materiais seguros, além de resistentes ou de fácil reposição. Mas a equipe de mediadores precisa estar preparada para o imprevisível. Sabemos que há visitantes que aprontam – mesmo! –, e os mediadores são aqueles que ficam de olho e notificam as pessoas responsáveis caso seja necessária alguma intervenção.

Garantida a segurança das pessoas e dos equipamentos e objetos expostos, acreditamos que a mediação em museus de ciência pode assumir o papel de desconstruir certos mitos sobre a visita a esses espaços – o de que é preciso ficar quieto(a), o de que não se pode mexer em nada, o de que não se deve falar... Afinal, não queremos visitantes passivos e pouco participativos, que passem pelos corredores como quem passa por uma paisagem já muito conhecida. O que dá vida aos museus é o público que o visita!

Confira, abaixo, uma publicação recente do INCT-CPCT e Musa Iberoamericana: *Red de Museos y Centros de Ciencia-Cyted sobre a experiência de crianças em museus de ciência:*

MASSARANI, L; POENARU, LM; ROCHA, JN; ROWE, S; FALLA, S. Adolescents learning with exhibits and explainers: the case of Maloka. *International Journal of Science Education, Part B*, [s.l.], v. 9, n. 3, p.253-267, 3 jul. 2019.

MASSARANI, L; CHAGAS, C; ROCHA, L; ROWE, S; FONTANETTO, R. Children's Protagonism in a Science Exhibition: an Exploratory Study of an Exhibition in Rio de Janeiro (Brazil). *Research In Science Education*, [s.l.], 24 ago. 2019.

NORBERTO ROCHA, J; MASSARANI, L; POENARU, L; MARTINS, AD; MACÍAS-NESTOR, AP. Um estudo sobre a leitura e a interação de adolescentes durante uma visita ao museu de ciências Universum – México. *Anais do Museu Paulista* (no prelo).

Expediente

Luisa Massarani (coordenação)
Catarina Chagas (texto)
Jessica Norberto Rocha (texto)
Barbara Mello (design gráfico)

INCT CPCT
Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia

